



Serão familiar, início do séc. XX, Lisboa. Arquivo fotográfico de Lisboa.

A Domesticidade Híbrida

Raul Cunha¹

Resumo

¹ Nasceu em Lisboa, no ano 1963. Doutor em design de equipamento pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Mestre em design industrial pela Domus Academy de Milão e Licenciado em design de equipamento pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. É desde 1994 Professor na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, exercendo, a partir de 2008, a coordenação da Área de Design de Equipamento. É também Professor da Escola de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco e Professor visitante do Master em design industrial da Prima Facoltà di Architettura da Sapienza Università di Roma. raul.cunha@fba.ul.pt

Ao longo do tempo, as aproximações técnicas e simbólicas que foram convergindo para o espaço doméstico, desencadearam um somatório de soluções que vieram definir os limites da privacidade e do conforto na habitação. Estas métricas, que configuram a casa, instauraram um procedimento entre habitantes e objectos que determinou a fluência do lugar. O texto aborda os conteúdos tecno-formais do design industrial na construção do ambiente doméstico. Ao eleger como habitat privilegiado a casa, optou-se por enunciar as interações que se processaram neste lugar, enquadradas na cultura do habitar.

Palavras-chave: Design, Design industrial, Teoria do design, História do design, Cultura material, Cultura do habitar.

The Hybrid Domesticity

Abstract

Over time, technical and symbolic approaches that converged into the domestic space gave way to a number of solutions that were to define the limits of privacy and comfort within the inhabitation. These metrics, which configure the house, have established an interaction between inhabitants and objects that determined the flowing of this space. This text draws upon the technical and formal contents of an industrial design project in the building of a domestic environment. By choosing the house as a privileged habitat, an enunciation of the interactions that took place in it –which are set against a "culture of inhabiting" background– was the preferred direction to be taken.

Keywords: Design, Industrial Design, Design Theory, Design History, Material Culture, Culture of habitat.

O espaço doméstico enquanto local privilegiado de interações quotidianas e lugar íntimo, as transformações ocorridas na sua modelação permitiram salientar os momentos de formação do design, perspectivados pela cultura do habitar. Através de um olhar cadenciado e relacional, as aproximações técnicas e simbólicas participam no delinear das manifestações desta cultura.

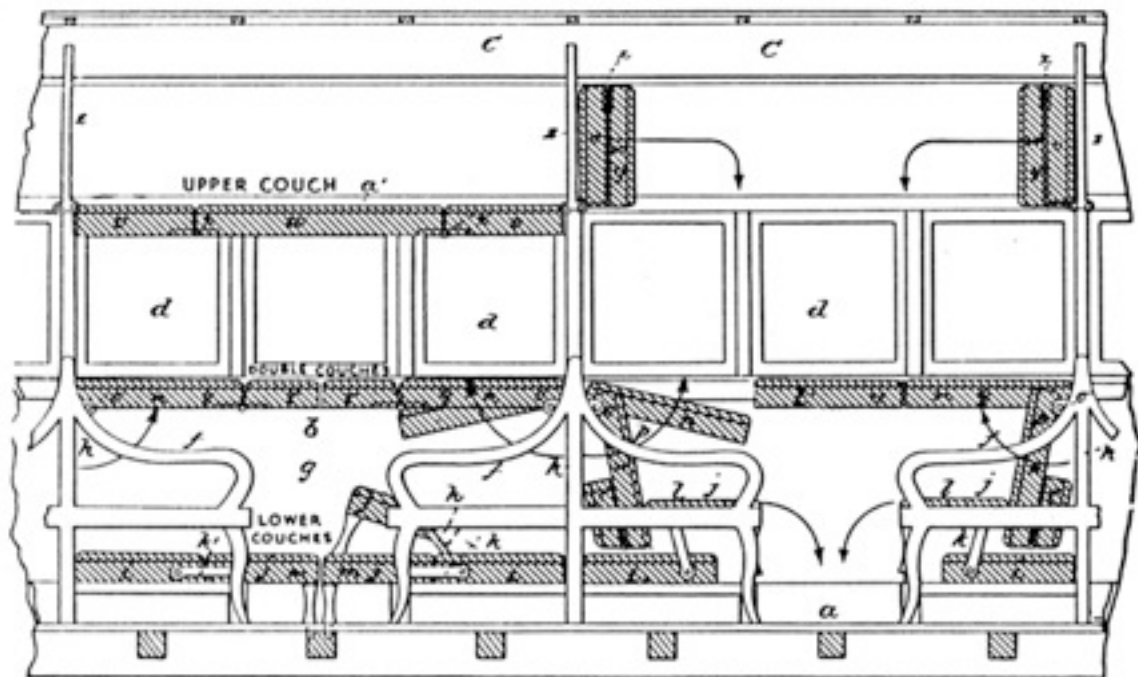
O conjunto de acções ocorrido entre o homem e os objectos define também os traços das métricas e das tipologias dos espaços quotidianos. Neste encontro, as trocas constantes dos valores constitutivos da realidade do habitar, que por sua vez se circunscrevem aos limites dúcteis dos territórios híbridos, definem a matéria que intervém na envolvente destes lugares.

Os espaços cruzam-se através de uma dinâmica transversal, promovendo uma atmosfera mesclada, povoada por ritmos e tempos das várias tipologias espaciais. A relação de permuta que aqui ocorre atravessa os diferentes ambientes quotidianos.

Assim, a segunda metade do século XIX proporcionou à casa um dos momentos mais expressivos desta nova realidade: o hibridismo que emergia das novas propostas técnicas e criativas. Primeiro, através da concessão de infra-estruturas que providenciaram a distribuição dos fluidos e das energias ao domicílio, apetrechando este espaço de sistemas e equipamentos e criando

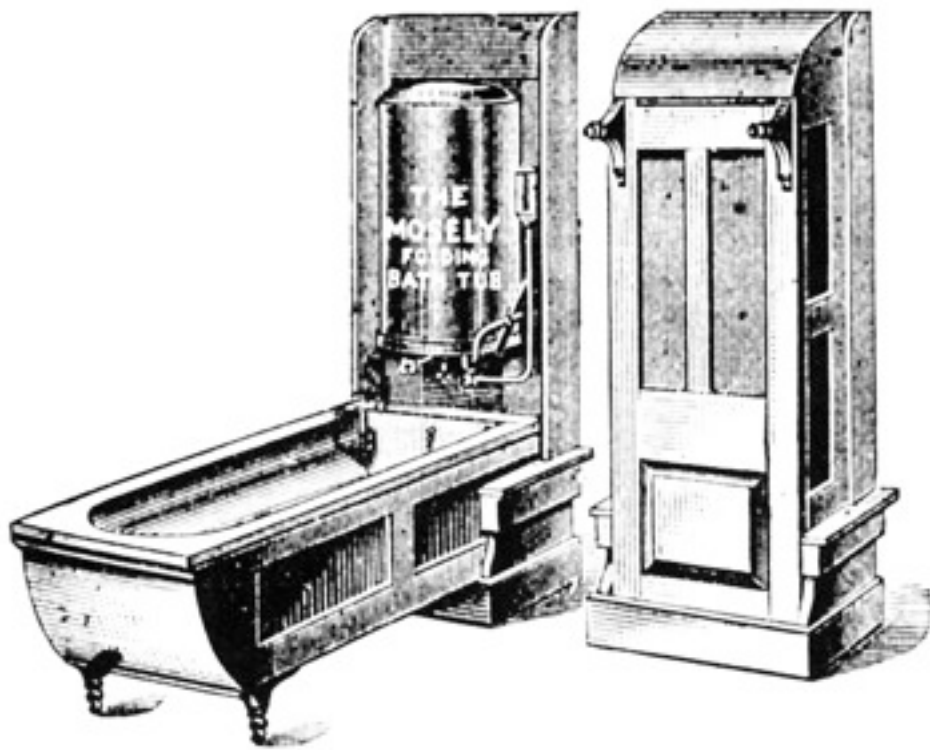
uma malha de práticas que instituíram uma nova planificação doméstica regulada pelos benefícios da técnica. Esta encruzilhada híbrida –conjuntos técnicos que se sobrepõem na casa– introduziu novas qualidades na habitação e promoveu um novo diálogo entre habitantes, objectos e espaço que sedimentou os princípios da actual cultura material doméstica. Depois, com a criatividade norte-americana motivada por uma classe média em ascensão que procurava fazer face às condições que dispunham nos seus domicílios.

O arquétipo da casa como um conjunto munido de infra-estruturas para providenciar a manutenção doméstica começou a ser delineado na época vitoriana. Neste quadro de referências técnicas e criativas no qual se encontra a imediata resposta às necessidades, surgiram, por um lado, os móveis mecânicos que rentabilizaram os exíguos espaços das habitações e, por outro, os aparelhos domésticos que aligeiravam os afazeres. A condição híbrida identificada em ambas as áreas de projecto, apresenta-se na concepção dos móveis patenteados através da agregação dos movimentos dos assentos e da compactação de tipos em consolas, enquanto que nos pressupostos dos aparelhos domésticos se encontra na justaposição dos mecanismos autónomos .



Projecto de Theodore Woodruff para vagão-leito, 1856.
Em GIEDION, S. *La Mécanization au Pouvoir*, Danôel Gonthier, Paris 1983, p. 105.

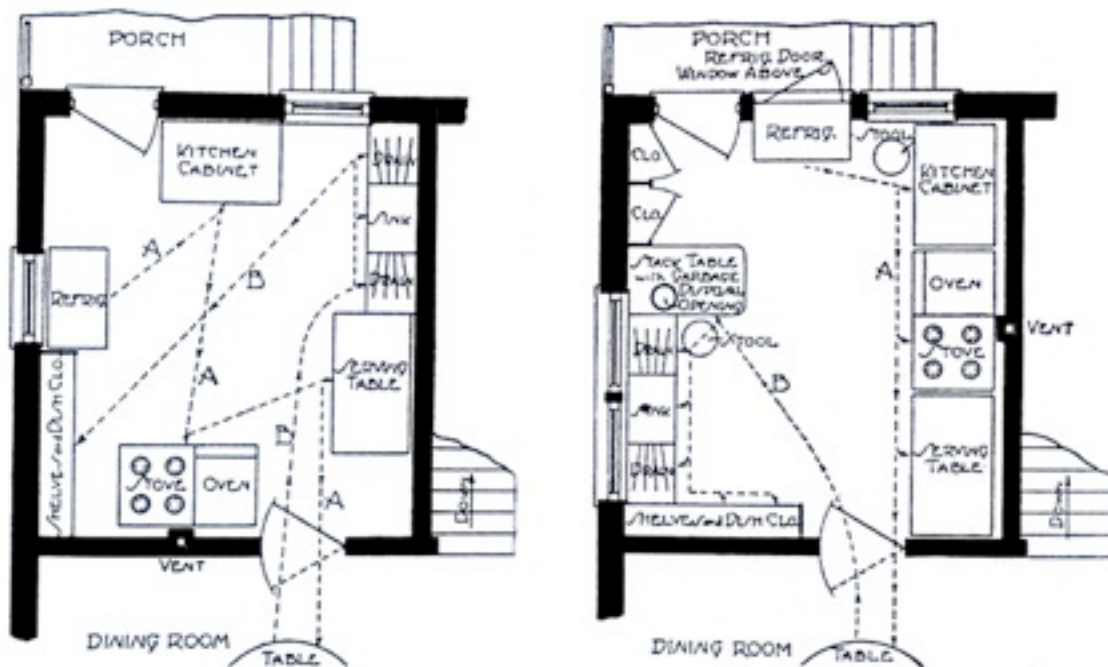
A capacidade do mobiliário agregar movimentos e tipos, de acordo com os requisitos de uso de uma actividade ou de um compartimento, fomentou um programa de projecto híbrido que se propagou aos diferentes espaços quotidianos. Este programa assumiu o seu maior potencial no equipamento das carruagens ferroviárias e nas cadeiras para funções específicas, onde a coordenação dos movimentos permitiu a convertibilidade dos habitáculos de acordo com as acções praticadas pelos passageiros e a correcta adaptação das posturas às práticas de uma profissão, inaugurando um procedimento de projecto que se manteve até à actualidade.



Móvel mecânico, banheira com esquentador comercializado pela Montgomery Ward & Co. em 1895.

Paralelamente a este patamar de miscigenação protagonizado pelo mobiliário, surgiram as propostas femininas de organização do espaço doméstico. As planificações que visavam a racionalização completa da casa, como modo de rentabilizar as actividades domésticas, apoiaram-se na disposição dos equipamentos dos habitáculos móveis e importaram este modelo para a habitação. A constatação foi particularmente significativa no caso das áreas técnicas da casa, como a cozinha, que recuperou a compactação dos elementos de forma a economizar o tempo das operações culinárias. Embora, os vários níveis das actividades praticadas na casa tivessem estabelecido,

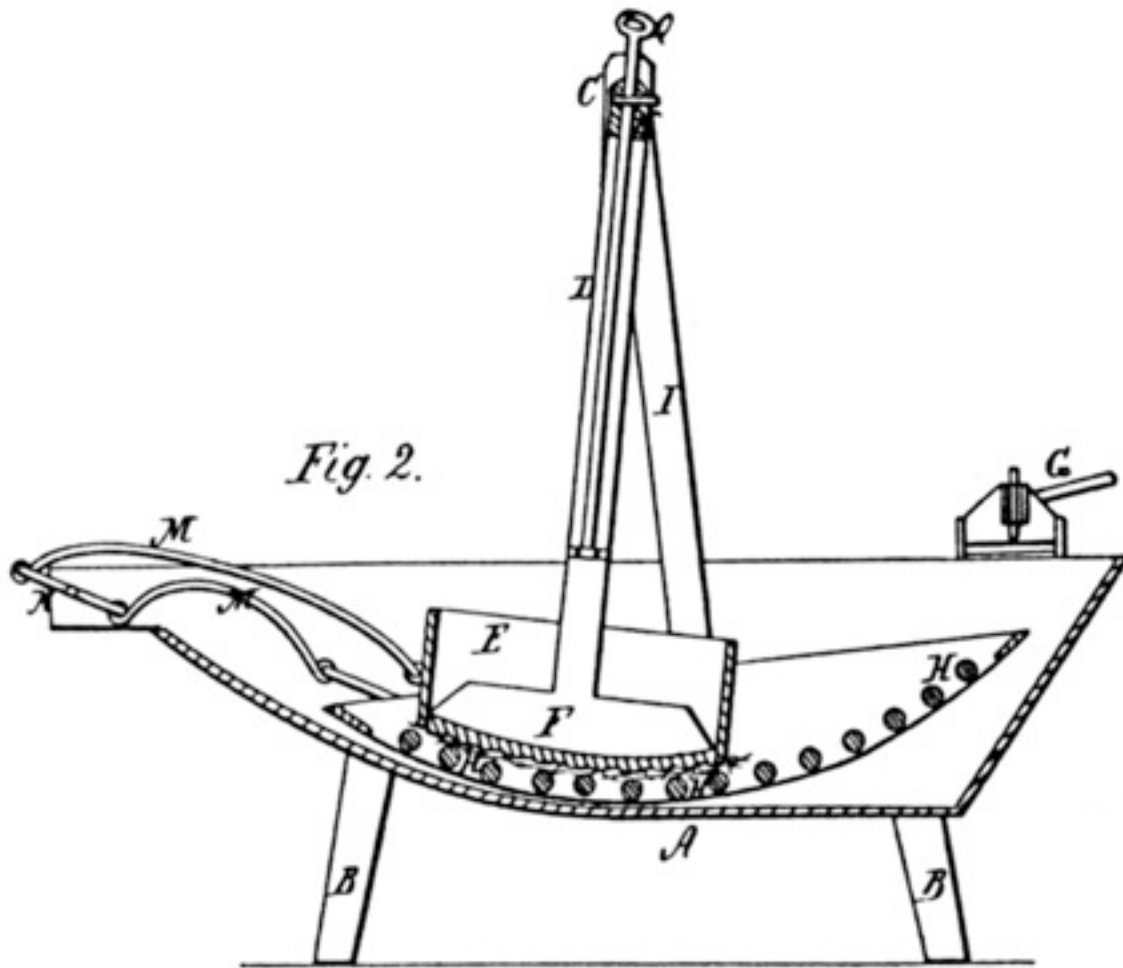
anteriormente, a base sobre a qual assentou a planificação das carruagens ferroviárias e dos compartimentos dos navios, processando-se assim um ciclo híbrido. É este arquétipo de domesticidade, reformulado nos habitáculos móveis, que regressa à casa e promove os princípios da economia doméstica.



Plantas das cozinhas ineficientes e eficientes de Christine Frederick, 1915.
Em AA.VV. *The Contest of Meaning*, The Mit Press, Cambridge/Londres, 1992, pp.148 y 154.

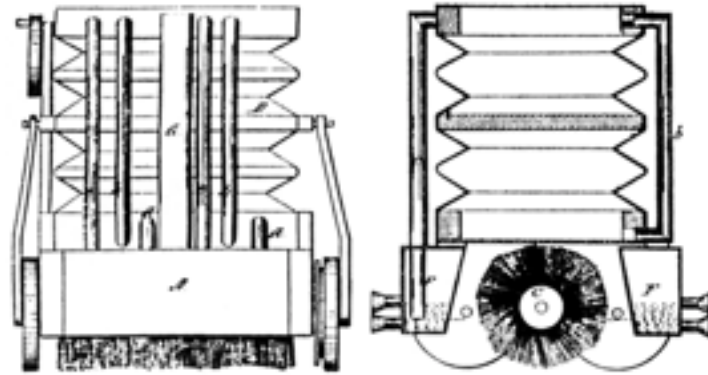
O hibridismo participou também no período demarcado pelo aperfeiçoamento dos sistemas mecânicos dos aparelhos domésticos iniciado na segunda metade do século XIX.

Num primeiro momento da evolução dos aparelhos, a mimetização do gesto humano dá lugar à consolidação do gesto mecânico. Deste modo, assiste-se a uma fase inicial em que o processo manual de actuação é reproduzido por um engenho, residindo a sua finalidade no facto de simular a acção da mão, instituída como o método mais apropriado à repetição da tarefa. Neste período, a concepção do aparelho doméstico funde o valor simbólico e técnico do gesto com o movimento das engrenagens, o que permite, por um lado, instaurar a máquina segundo o código da execução manual e, por outro, fazer com que ela actue como uma extensão do homem, multiplicando a sua sinergia. A circunstância permanece ainda hoje inalterada no caso de alguns electrodomésticos, como as batedeiras e as máquinas de costura que reinterpretem o movimento da colher e da agulha.



Patente americana de um aparelho que simulava a acção da mão durante a lavagem da roupa, 1846.
Em GIEDION, S. *La Mécanization au Pouvoir*, Danöel Gonthier, Paris 1983, p. 102.

A fase seguinte estabelece o princípio de funcionamento do aspirador, da máquina de lavar roupa e da máquina de lavar louça. É precisamente nesta intenção de melhoria do desempenho e na oferta de um maior leque de opções que se conciliam nos engenhos, mecanismos autónomos, ou se sobrepõem sistemas independentes, como a escovagem e a sucção nos aparelhos que aspiravam o pó ou a lavagem e o enxugamento nas máquinas de lavar roupa. Deste modo, os conjuntos operavam segundo um encadeamento sustentado por uma estrutura híbrida, formada por tipos distintos de sistemas que agiam por acoplamento ou de acordo com um processo faseado.



Patente de um aparelho que conciliava o escovar com a sucção do pó, 1860.
Em GIEDION, S. *La Mécanization au Pouvoir*, Danöel Gonthier, Paris 1983, p. 103



Aspirador *Vampyr*, com câmara de sucção de dimensões reduzidas, comercializado pela AEG em 1924.
Em CARLI, F. *Elettrodomestici Spaziali*, Castelvechí, Roma 2000, p. 164.

O segundo momento inicia-se com a motorização da acção mecânica e termina com a integração das funções. Na primeira fase deste ciclo, ainda subsidiária da formação funcional dos aparelhos anteriores, a elementaridade das construções permitiu agregar directamente a força electromotriz. A condição híbrida, ou seja, a agregação dos movimentos está assim associada ao modelo de simplificação que constitui a base de desenvolvimento do objecto técnico.

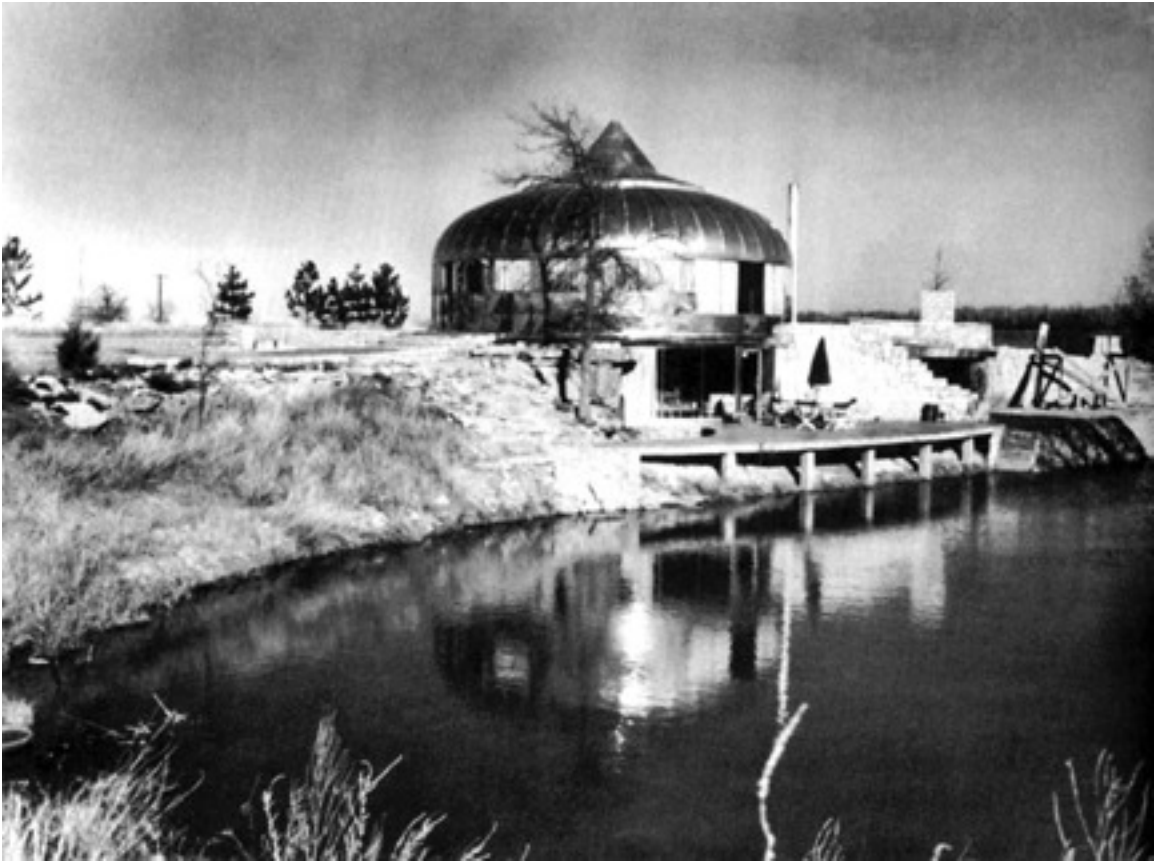
No entanto, é perante o cenário de inovação que despertou durante a segunda metade oitocentista que se prefigurou a aproximação da domesticidade à lógica mecânica, apresentando-se como a antecâmara da hibridação da casa com a máquina que surgiu no século XX.

Na época assinalada pelas propostas de massificação do objecto de uso doméstico e da casa popular, cruzaram-se os métodos da standardização e formou-se, no espaço doméstico, uma unidade completa entre o interior e o equipamento que interagiu segundo um programa funcional.

Os projectos para o viver moderno, imbuídos na estética mecânica, potenciaram o carácter técnico da habitação, atribuindo às acções praticadas no espaço uma ordem gerida pelas utilizações. As disposições assumem assim uma racionalização funcional e desdobram-se em movimentos que fundem os usos, metamorfoseando o interior ao ritmo das práticas quotidianas, como um organismo automático apto a diferentes solicitações ou interpretam os códigos da sistematização e associam os usos através de uma harmonia modular.

A referência a alguns dos exemplos emblemáticos do período inicia-se com a casa modelo *Haus am Horn* apresentada na exposição da Bauhaus, em 1923, a casa *Schröder* da autoria de Gerrit Rietveld, construída no ano seguinte, e a unidade habitacional do pavilhão *L'Esprit Nouveau* de Le Corbusier, apresentada na *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, em 1925.

As experiências europeias da década de vinte que, metaforicamente, propõem para a casa a hibridação com a máquina, são continuadas no novo continente e a habitação adquire uma autonomia total, tornando-se num complexo auto-suficiente sustentado pela tecnologia aeronáutica. Estas intenções visionárias acolhem a domesticidade num invólucro estanque que resiste às agressões exteriores e disponibilizam, no interior, unidades compactas de equipamento, transformando a habitação num misto de veículo e laboratório. Inicia-se agora, um processo de hibridação na casa em que a máquina industrial é substituída, gradualmente, pelos seus produtos, acompanhando a par e passo o progresso tecnológico. Apresentada nos projectos de casas autónomas, geridas por unidades técnicas que permitiam a total coordenação do interior, desenvolvidas por Richard Buckminster Fuller.



A casa autónoma *Wichita House*, Buckminster Fuller, 1946.
Em BALDWIN, J. *Bucky Works*, Wiely, Nova Iorque 1996, p. 60.

A cultura *pop* reflectiu precisamente este novo posicionamento e o hibridismo foi assumido como conceito criativo, gerador dos projectos utópicos. As iniciativas que fomentaram o despoletar da vanguarda projectaram a casa numa perspectiva futura e o legado modernista serviu de suporte a uma reflexão crítica sobre os modos de habitar nos anos vindouros.

A *House of the Future* de Alison e Peter Smithson, exposta em 1956, apresentava como proposta para o habitar futuro uma planta fragmentada por equipamentos e alvéolos. A matriz fluida de linguagem orgânica, conformada com os materiais plásticos, fundia a tipologia mediterrânica da moradia com pátio com um sofisticado conjunto de electrodomésticos.



Interior da *House of the Future*, Alison e Peter Smithson, 1956.
Em SMITHSON, A.e P. *Charged Void:Architecture*, The Monacelli Press, Nova Iorque 2001, p. 173.

O grupo Archigram prosseguiu com as intenções desenvolvidas pelos arquitectos britânicos na elaboração do projecto de habitação. A *Spray Plastic House*, de 1962, propunha, aos seus habitantes, a sua auto-construção numa proposta efémera que reflectia a ideia de casa como um produto de consumo, ao passo que as *Capsule Homes*, de 1964, integravam num habitáculo de dimensões reduzidas, os componentes técnicos necessários a um habitar urbano indispensável. No ano seguinte, o projecto *Living Pod* propunha um habitáculo anfíbio apto a diferentes condições climáticas. Tanto no projecto *Cushicle*, de 1966 como no projecto *Suitaloon*, de 1968, destacava-se a ideia de uma habitação mínima de carácter nómada. A concepção do interior, denominado *Living 1990*, exibido em 1967, ia ao encontro das anteriores propostas do grupo, para além de acrescentar o conceito de um espaço robotizado.



Habitáculo insuflado apresentado na Trienal de Milão, Michael Webb, 1968.
AA.VV. *Archigram*, Centre Georges Pompidou, Paris 1997, p. 117.



Interior dos pavilhões da *Non-Stop-City*, Archizoom, 1970.
Em BRANZI, A. *La Casa Calda*, Idea Books Edizioni, Milão 1999, p. 68.

O grupo italiano Archizoom, imbuído das mesmas ideias de consumo popular, apresentou o *No-Stop City* como uma proposta radical para a concepção urbana que reproduzia o modelo de habitação. Este projecto apresentava uma malha ortogonal definida por pavilhões cujos interiores eram povoados por elementos necessários à manutenção do espaço, onde coabitavam tipologias e conjuntos técnicos que atribuíam a essas planificações uma condição híbrida. O projectos utópicos de ambos os grupos inauguraram novos caminhos e acrescentaram um carácter efémero à formulação da casa.

Em 1972, na exposição *Italy: the New Domestic Landscape*, surgiu uma reflexão sobre um novo conceito de domesticidade, para o qual convergiram as atitudes promissoras da habitação virtual e do habitáculo móvel, envolvendo projectos que evidenciavam o princípio do protótipo resultante da experimentação efectuada para identificar os vários posicionamentos interpretativos do espaço doméstico.



Automóvel Kar-A-Sutra de Mario Bellini. 1972. Em *Ottagono*, núm. 101, Milão 1991.

Este território híbrido disponibilizou um potencial criativo de miscigenação de tipos que se converteram numa nova paisagem doméstica onde os projectos da casa organizados por unidades de equipamento e por sistemas virtuais, bem como, as habitações transportáveis e os habitáculos móveis, colocaram a cultura do habitar no caminho das propostas actuais.